

*A Velha,
Velha*

História

C.H. Spurgeon

J NO CAMINHO DE
JESUS 
o único caminho para a SALVAÇÃO

A Velha, Velha História

N.º 446

Pregado no domingo, 30 de Março de 1862

Por Charles Haddon Spurgeon

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Inglaterra

“A seu tempo Cristo morreu pelos ímpios.” - Romanos 5:6

“Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.”

(Rm 5:6 ACF)

Encontra-se presente hoje, entre nós, um doutor em teologia que me escudou a pregar há já alguns anos. Visita-nos novamente vindo da sua casa de habitação, nos Estados Unidos. Quando vi a sua cara, não pude evitar imaginar que talvez pense que estou obcecado com este velho tema e que entoou sempre a mesma melodia; que não tenho avançado nem uma polegada em nenhum domínio do pensamento e que continuo pregando o mesmo velho Evangelho, da mesma velha maneira, como o faço sempre. Se pensasse isso, ele estaria certo. Suponho que me pareço com o senhor Cecil quando ele era menino. Numa ocasião, o seu pai pediu-lhe que o esperasse numa determinada porta, até que ele retornasse, e depois o pai, como era um homem muito ocupado, andou percorrendo a cidade, e no meio de seus numerosos cuidados e compromissos, esqueceu-se do rapaz. Caiu a noite, e finalmente, quando o pai chegou a sua casa, houve uma grande inquirição a respeito do paradeiro de Ricardo. O pai disse: “meu Deus, deixei-o no início da manhã, esperando-me, parado, em frente a tal e tal porta, e pedi-lhe que me esperasse ali, até que eu fosse por ele; não me surpreenderia que ainda me estivesse esperando ali.” Assim, foram, e ali encontraram o rapaz. Não é uma vergonha imitar esse exemplo tão simples de fidelidade infantil. Há alguns anos eu recebi instruções do meu Senhor para estar ao pé da cruz até que Ele viesse. Não veio ainda, mas estou decidido a esperá-lo ali até que venha. Se eu desobedecesse às suas instruções e abandonasse essas simples verdades que têm servido de instrumento para converter a tantas almas, não sei como poderia esperar a Sua bênção. Aqui estou, pois, ao pé da cruz, repetindo a mesma velha, velha história, rançosa como poderia soar aos ouvidos de quem tem comichão ao ouvir, e gasta e puída conforme a consideram os seus críticos. Eu amo falar de Cristo, do Cristo que amou e viveu e morreu em substituição dos pecadores, o justo pelos ímpios, para poder-nos levar a Deus.

É curioso, mas, assim como dizem que os peixes se começam a decompor pela cabeça, de igual maneira os teólogos modernos geralmente começam a

equivocar-se em relação com a doutrina fundamental e de maior importância do trabalho vicário de Cristo. Quase todos os nossos erros modernos —eu diria que todos eles— começam por ser erros a propósito de Cristo. Os homens não gostam de pregar sempre o mesmo. Há ‘atenienses’ nos púlpitos e nas bancas das igrejas que não fazem outra coisa senão escutar algo de novo. Não se contentam em dizer repetidamente, uma e outra vez, esta simples mensagem: “quem crê no Senhor Jesus Cristo tem a vida eterna.”

Assim tomam emprestadas certas novidades da literatura e guarnecem a Palavra de Deus com palavras ensinadas pela sabedoria humana. Envolvem em mistério a doutrina da expiação. A reconciliação por meio do sangue precioso de Jesus deixa de ser a pedra angular do seu ministério. O seu propósito principal é adaptar o Evangelho aos desejos doentios e aos gostos dos homens, cima de qualquer intenção de reformar a mente e renovar o coração dos homens, para que possam receber o Evangelho tal como é. Não podemos dizer aonde vão parar os que deixam de seguir ao Senhor com um coração verdadeiro e sem divisões, descendo de uma profundidade para outra mais profunda, até ser recebidos pelo negrume da escuridão, a menos que a graça o impeça. Só isto podem ter por certo, pois

***“Eles não podem ter razão na morte,
a menos que digam a verdade a respeito d’Ele.”***

Se não entenderem a verdade sobre o propósito da cruz, estão apodrecidos em toda a parte. “Porque ninguém pode pôr outro fundamento que o que está posto, o qual é Jesus Cristo.” Nesta Rocha há segurança. Podemos enganar-nos com maior impunidade noutros pontos, mas não neste. Os que estão edificados sobre esta Rocha, embora eles mesmos agreguem logo madeira, feno e folhagem para a sua terrível confusão —já que a obra de cada um, o fogo a provará—, eles mesmos serão salvos, mas apenas como pelo fogo.

Agora, queremos repetir novamente ante vós essa importantíssima doutrina que reconhecemos como a pedra angular do sistema evangélico, a mesmíssima pedra angular do Evangelho, essa muito importante doutrina da expiação de Cristo, e logo, sem tentar justificá-la —pois isso temos feita centenas de vezes—, tiraremos ensinamentos práticos dessa verdade que certamente continua sendo válida entre nós.

Como o homem pecou, a justiça de Deus requeria que se aplicasse o castigo. Deus havia dito: “A alma que pecar morrerá”; e a menos que Deus pudesse equivocar-se, o pecador deve morrer. Mais ainda, a santidade de Deus o requeria, pois o castigo estava apoiado na justiça. Era justo que o pecador morresse. Deus não havia aplicado uma pena mais severa que a que devia

aplicar. O castigo é o resultado justo da ofensa. Portanto, há duas alternativas: ou Deus deixa de ser santo ou o pecador deve ser castigado. A verdade e a santidade imperiosamente requeriam que Deus levantasse a Sua mão e golpeasse o homem que tinha quebrantado a Sua lei e ofendido a Sua majestade. Todavia, Cristo Jesus, o segundo Adão, a cabeça federal dos escolhidos, interpôs-se como mediador. Ele ofereceu-se para sofrer o castigo que os pecadores deviam sofrer; comprometeu-se a cumprir e honrar a lei que eles tinham quebrantado e desonrado. Ele ofereceu-se para ser a pessoa de importância, a fiança, o substituto, tomando o lugar, o posto e a condição dos pecadores. Cristo tornou-se no vicário do Seu povo ao sofrer de maneira vicária em lugar deles; cumprindo de forma vicária o que eles não tinham a fortaleza de cumprir pela debilidade da carne em consequência da queda. O que Cristo se comprometeu a fazer, foi aceito por Deus.

No devido tempo, Cristo realmente morreu e levou a cabo o que tinha prometido fazer. Assumiu cada pecado do Seu povo e sofreu cada golpe da vara por causa desses pecados. Sorveu num só trago horrível todo o castigo dos pecados de todos os eleitos. Tomou a taça, pô-la nos Seus lábios, suou como que grossas gotas de sangue quando deu o primeiro sorvo nessa taça, mas não desistiu, mas continuou bebendo até beber a última gota, e volteando a vasilha para baixo, disse: “Consumado é!”, e num só tremendo sorvo de amor, o Senhor Deus da salvação tinha apagado completamente a destruição. Não ficou nem um só vestígio, nem sequer o menor resíduo; Ele sofreu tudo o que devia ter sofrido; terminou com a transgressão e pôs um fim ao pecado. Mais ainda, Ele obedeceu à lei do Pai em todos os seus alcances; Ele cumpriu essa vontade sobre a qual havia dito desde tempos antigos: “anelo a tua salvação, Oh Deus, e a tua lei é a minha delícia” e, tendo oferecido tanto uma expiação pelo pecado como o total cumprimento da lei, subiu ao alto, tomou o Seu assento à mão direita da Majestade no céu, esperando daqui em diante que os Seus inimigos sejam postos como escabelo de Seus pés e intercedendo por aqueles a quem comprou com o Seu sangue para que possam estar com Ele onde Ele se encontra. A doutrina da expiação é muito simples. Simplesmente consiste em que Cristo tomou o lugar do pecador. Cristo é tratado como se fosse o pecador e, portanto, o transgressor é tratado como se fosse o justo. É uma mudança de pessoas. Cristo converte-se no pecador, coloca-se no lugar do pecador. Foi contado entre os transgressores. O pecador torna-se justo; coloca-se no lugar de Cristo e é contado entre os justos. Cristo não cometeu pecado algum, mas assume a culpabilidade humana e é castigado pela insensatez humana. Nós não temos justiça própria, mas assumimos a justiça divina. Somos recompensados por ela e somos aceites ante Deus como se essa justiça proviesse de nós mesmos. “A seu tempo Cristo morreu pelos ímpios”, para poder apagar os nossos pecados.

O meu objectivo não é demonstrar esta doutrina. Como disse antes, não há necessidade de estar discutindo sempre o que sabemos que é verdade. Antes, dediquemos umas sentidas palavras, louvando esta doutrina da expiação; e depois a apresentarei para fins de uma aplicação prática, para aqueles que ainda não receberam a Cristo.

I. Em primeiro lugar, A MODO DE LOUVOR.

Há algumas coisas que podemos dizer a favor do Evangelho que proclama a expiação como o seu princípio fundamental. E a primeira coisa que vamos dizer sobre o Evangelho é, quão simples ele é, quando o comparamos com todos os esquemas modernos! Irmãos, essa é a razão pela qual os nossos grandes homens não gostam dele: é demasiado simples. Se fordes e comprardes certos livros que ensinam como preparar sermões, encontrarão que a essência do ensino é esta: seleccionai todas as palavras difíceis que possais encontrar em todos os livros que leiais durante a semana, e logo as vertais sobre a congregação no domingo; e haverá um grupo de pessoas que sempre aplaudirá ao homem ao qual não pode entender. São semelhantes à anciã a quem se perguntou quando retornava da igreja: “Entendeu o sermão?” “Não”, respondeu, “não teria essa presunção.” Ela acreditava que era uma presunção tentar compreender o ministro. Mas a Palavra de Deus entende-se com o coração e não faz estranhas demandas ao intelecto.

Agora, o nosso primeiro louvor à doutrina da expiação é que ela própria se faz recomendável ao entendimento. O viajante pode compreender esta verdade da substituição sem nenhuma dificuldade, embora o seu intelecto seja apenas um grau superior ao de um idiota. Oh, estes teólogos modernos farão algo para tirar a importância à cruz! Penduram sobre essa cruz os adornos estridentes de sua eloquência, ou a apresentam envolta nos escuros encantamentos misteriosos da sua lógica, e quando o pobre coração aflito olha para cima para ver a cruz, não vê nada ali, excepto humana sabedoria.

Repito de novo que não há ninguém aqui presente que não possa entender esta verdade, que Cristo morreu em lugar do Seu povo. Se tu perces, não será devido a que não possas compreender o Evangelho. Se fores para o inferno, não será porque não foste capaz de entender como Deus pode ser justo e, apesar disso, ser também o que justifica o ímpio. É surpreendente, que na nossa época se conheça tão pouco acerca dos simples truísmos revelados pela Bíblia; parece advertir-nos continuamente como quão simples devemos ser ao expor essas verdades. Inteirei-me da história do Sr. Kilpin. Numa ocasião, ele estava pregando um sermão muito bom, de maneira fervente, quando usou a palavra “Deidade”, e um marinheiro que o escutava se inclinou para diante e lhe disse: “Desculpe, senhor, rogo-lhe que me diga quem é o senhor Deidade.

Refere-se ao Deus Todo-poderoso?” “Sim”, respondeu-lhe o Sr. Kilpin, “refiro-me a Deus, e não devia ter usado uma palavra que você não pudesse compreender.” “Agradeço-lhe muito, senhor”, respondeu o marinheiro, o qual pareceu devorar todo o resto do sermão, demonstrando um profundo interesse até ao fim.

Agora, esse pequeno incidente é simplesmente um índice do que prevalece em qualquer lugar. A pregação deve ser simples. Uma doutrina da expiação que não seja simples, uma doutrina que nos chega da Alemanha, que requeira que um homem seja um grande erudito antes de que possa compreendê-la, e que seja ainda um maior adepto antes de que possa compartilhá-la com outros, tal doutrina obviamente não é de Deus, já que não é adequada para as criaturas de Deus. Poderá ser fascinante para um entre mil, mas não é adequada para os pobres deste mundo que são ricos na fé; não é adequada para as crianças a quem Deus revelou as coisas do reino, enquanto que as escondeu aos sábios e prudentes. Oh, vocês podem sempre julgar uma doutrina desta forma. Se não é uma doutrina simples, não vem de Deus; se os deixar perplexos, se é uma doutrina que não podem ver claramente imediatamente, devido à misteriosa linguagem que a envolve, podem começar a suspeitar que é uma doutrina humana, e não a Palavra de Deus. E a doutrina da expiação não deve ser louvada unicamente pela sua simplicidade, mas além de adequar-se ao entendimento, também é adequada para a consciência. Não há língua que possa descrever como satisfaz à consciência! Quando um homem desperta e a sua consciência o atormenta, quando o Espírito de Deus lhe tem mostrado o seu pecado e a sua culpa, não há nada que lhe possa trazer a paz, senão só o sangue de Cristo.

Pedro, posto de pé na proa do bote, e tendo dito ao vento e às ondas: “Paz, não se movam”, mas estes elementos deveriam ter rugido sem deter-se com inquebrantável fúria. O Papa de Roma, que pretende ser o sucessor de Pedro, pode alçar-se com suas cerimónias e dizer à consciência atormentada: “Paz, tenha tranquilidade”, mas não cessará a sua terrível agitação. O espírito imundo que traz para a consciência tanta agitação grita ao Papa: “A Jesus conheço, conheço a sua cruz, mas quem és tu?” Sim, e não poderá ser lançado fora. Não há absolutamente nenhuma oportunidade de encontrar um travesseiro para a cabeça dorida pela acção do Espírito Santo, salvo a expiação e a obra terminada de Cristo.

Quando o senhor Robert Hall foi pregar pela primeira vez a Cambridge, quase todos seus habitantes eram Unitários . Assim que ele pregou a respeito da doutrina da obra terminada de Cristo e alguns dos seus ouvintes aproximaram-se dele e disseram-lhe: “Senhor Hall, isto não deveria ter sido dito.” “Por que não?”, perguntou ele, “Pois porque o seu sermão é adequado unicamente para

anciãs.” “E porque é adequado unicamente para anciãs?”, inquiriu o senhor Hall. “Porque elas estão cambaleantes nas fronteiras da sepultura e procuram consolo e, portanto, é muito adequado para elas, mas não para nós.” “Muito bem”, disse o senhor Hall, “inconscientemente vocês têm-me pago todo o cumprimento que eu posso pedir; se isto é bom para anciãs à beira da sepultura, deve ser bom para vocês que estão na plenitude da vossa consciência, pois todos nos encontramos à beira da sepultura.” Aqui encontramos, certamente, uma das principais características da expiação, que nos consola frente ao pensamento da morte. Quando a consciência é despertada pelo sentido de culpa, a morte certamente projectará a sua pálida sombra sobre todas as nossas perspectivas e porá um círculo ao redor de todos os nossos passos com escuros presságios da sepultura. Os alarmes da consciência geralmente são acompanhadas dos pensamentos do julgamento que se aproxima, mas a paz dada pelo sangue é a prova de consciência, a prova de enfermidade, a prova de morte, a prova do diabo, a prova de juízo e será a prova de eternidade. Poder-nos-emos alarmar com todas as revoltas de ocupação e de toda a lembrança da corrupção passada, mas só permite que os nossos olhos descansem na Sua amada cruz, ó Jesus, e a nossa consciência tem paz com Deus e podemos descansar e estar tranquilos. Agora, perguntamo-nos se algum destes sistemas modernos de teologia pode aquietar uma consciência atormentada? Nós gostaríamos de compartilhar com eles, alguns casos com os quais nos encontramos algumas vezes —alguns casos desesperados— e dizer-lhes: “Agora, aqui, lança fora a este demónio, se podes fazê-lo”, e penso que eles se darão conta que este tipo de demónios não pode ser lançado para fora, senão só por meio das lágrimas, os gemidos e a morte do Jesus Cristo, o sacrifício de expiação. Um Evangelho sem expiação pode funcionar muito bem para mocinhas e cavalheiros que não estão conscientes de que alguma vez fizeram algo mau. Será adequada simplesmente para a gente apática que não tem um coração visível para os demais; pessoas que sempre têm sido muito morais, direitas e respeitáveis; que se sentiriam insultadas se lhes dissesse que merecem ser enviadas para o inferno; que nem por um momento admitiriam poder ser criaturas depravadas ou caídas. O evangelho destes modernos, atrevo-me a repeti-lo, será muito adequado para este tipo de pessoas; mas nada mais deixa que um homem seja realmente culpado e o saiba; deixa que verdadeiramente esteja consciente da sua condição perdida, e eu lhes asseguro que nada senão Jesus— nada senão Jesus, nada senão o seu precioso sangue, poderá dar-lhe paz e descanso. Estas duas coisas, então, são excelentes recomendações da doutrina da expiação, já que se adequa ao entendimento dos menos dotados e aquieta a consciência do mais aflito.

Mais ainda, esta doutrina tem a particular característica de abrandar o coração. Há na história do sacrifício de Cristo um misterioso poder para abrandar e derreter. Conheço uma apreciada mulher cristã que amava os seus pequenos

filhos e procurava a salvação deles. Quando orava por eles, considerava correcto usar os melhores meios para ganhar a sua atenção e despertar as suas mentes. Espero que todos vocês procedam da mesma maneira. Todavia, o meio que ela tinha considerado como o mais efectivo para o seu objectivo era o dos terrores do Senhor. Ela acostumava ler aos seus filhos, capítulo após capítulo, o livro “Alarme para os Inconvertidos” de Alleine. Oh, esse livro! Quantos sonhos provocou no seu filho nas noites, acerca de devoradoras chamas e queimaduras permanentes! Entretanto, o coração do moço foi-se endurecendo, como se se fora recozendo, em vez de derreter-se no forno do medo. O martelo soldou o seu coração para o pecado, mas não o partiu.

Mas, ainda então, estando endurecido o coração do moço, quando escutava sobre o amor de Jesus pelo Seu povo, se bem que temia não contar-se entre eles, ainda costumava chorar ao pensar que Jesus pudesse amar a alguém com essas características. Até agora, que alcançou a idade adulta, a lei e os terrores matam-no, sem o perturbar, mas ao Teu sangue, Jesus, à Tua agonia no Getsémani e sobre o madeiro, não pode resistir; derretem-no; a sua alma derrama-se em lágrimas através dos olhos; chora até ficar vazio, com amor agradecido por Ti, por tudo o que tens feito. Ai daqueles que negam a expiação! Tiram o aguilhão do sofrimento de Cristo; e então, ao tirá-lo, suprimem a ponta por meio da qual os sofrimentos de Cristo traspassam e exploram e penetram no coração. Posto que Cristo sofreu por meus pecados e foi condenado, eu posso ser absolvido e não ser condenado por causa da minha culpa: é isto o que faz que os Seus sofrimentos sejam um bálsamo para o meu coração.

***“Olhe como no sangrento madeiro
o ilustre sofredor pende,
pelos tormentos que te correspondiam;
Ele suportou as terríveis dores
e saldou ali a pavorosa soma
de todos os pecados presentes, passados e que hão-de vir.”***

Neste mesmo instante há congregações reunidas nos teatros de Londres, e há pessoas que lhes estão pregando, não sei precisamente sobre o quê, mas eu sei qual deveria ser o seu tema. Se querem alcançar o intelecto dos que vivem na periferia, se querem tocar as consciências dos que são ladrões e bêbados, se querem derreter os corações dos que se têm tornado teimosos e duros durante anos de concupiscência e iniquidade, sei que o único pode obtê-lo é a morte no Calvário, as cinco feridas, o flanco sangrando, o vinagre, os pregos e a lança. Há ali um enternecedor poder para obtê-lo que não se pode encontrar em nenhuma outra parte do mundo.

Determo-nos-emos uma vez mais neste ponto. Nós elogiamos a doutrina da expiação porque sabemos que, além de adequar-se ao entendimento, aquietar a consciência e derreter o coração, tem poder para afectar a vida exterior. Nenhum homem pode crer que Cristo sofreu pelos seus pecados e ainda viver em pecado. Nenhum homem pode crer que as suas iniquidades mataram a Cristo e, apesar disso, acariciá-las no seu peito. O efeito certo e seguro de uma verdadeira fé no sacrifício de expiação de Cristo, é o de limpar a velha levedura, o dedicar a alma a Aquele que a comprou com o Seu sangue, e o compromisso de vingar-se daqueles pecados que cravaram a Cristo no madeiro. O melhor é que isto pode-se comprovar. Vá a qualquer bairro na Inglaterra onde viva um teólogo filósofo que tenha eliminado completamente a expiação da sua pregação, e se não encontrar mais prostitutas e ladrões e bêbados do que o usual, então estou completamente equivocado; mas, por outro lado, vá a outro bairro onde se prega a expiação, com rígida integridade e seriedade amorosa, e se não encontras as cervejarias ficando vazias e as lojas fechadas aos domingos e o povo vivendo com honestidade e rectidão, então terei observado o mundo em vão.

Conheci numa ocasião uma povoação que possivelmente era a pior das povoações da Inglaterra por muitas razões: muitas destilarias ilícitas estavam produzindo o seu nocivo licor para um fabricante que não pagava impostos ao governo e onde, em conexão com o mesmo, abundava toda a classe de desordem e de iniquidade. A esse povo chegou um jovem, que não era mais que um moço, sem muita educação formal, tosco e algumas vezes até vulgar. Começou a pregar ali, e quis Deus sacudir a esse povo. Em muito pouco tempo a pequena capela com tecto de palha estava lotada e os maiores vagabundos do povo estavam chorando mares de lágrimas e aqueles que tinham sido a maldição da aldeia se converteram na sua bênção; e onde antes houve todo tipo de roubos e maldades em toda a vizinhança, já não houve mais, porque os homens que as faziam se encontravam na casa de Deus, alegres ao escutar de Jesus crucificado. Escutem-me com atenção, não lhes estou dizendo agora uma história exagerada, nenhuma coisa que eu não saiba. Mas esta coisa lembro-a claramente para louvor da graça de Deus, que quis o Senhor fazer sinais e maravilhas no nosso meio. Ele mostrou o poder do nome do Jesus e nos fez testemunhas desse Evangelho que ganha almas, que atrai corações relutantes e molda de maneira nova a vida e a conduta dos homens. Há alguns irmãos aqui que vão aos refúgios e lares para falar com essas pobres moças caídas que foram resgatadas. Pergunto-me o que fariam se não levassem consigo o Evangelho a essas moradas da miséria e da vergonha. Se levassem consigo uma folha arrancada de um manual de teologia e fossem e lhes falassem com palavras e com filosofias ribombantes, que benefício lhes poderiam proporcionar? Pois bem, o que não é bom para elas não é bom para nós. Queremos algo que possamos entender, algo no que possamos confiar, algo

que possamos sentir; algo que dê forma ao nosso carácter e à nossa conversação, e que nos faça semelhantes a Cristo.

II. Em segundo lugar, um ou dois pontos A MODO DE EXORTAÇÃO.

Homem cristão, crês que os teus pecados têm sido perdoados e que Cristo tem feito uma expiação completa por eles. O que te diremos a ti? A ti dir-te-emos, em primeiro lugar, que deves ser um cristão jovial! Que deves viver por cima das provas e dos problemas comuns do mundo! Já que o teu pecado tem sido perdoado, que importância tem o que te aconteça agora? Lutero dizia: “Golpeia-me, Senhor, golpeia-me, porquanto o meu pecado foi perdoado. Se Tu te dignaste perdoar-me, golpeia-me tão duro como queiras.” Era como se se sentisse um menino que tinha feito algo mau, e não se importasse que o seu pai o pudesse chicotear, se no fim o perdoava. Penso que tu podes dizer: “envia-me enfermidade, pobreza, perdas, cruces, calúnias, perseguição, o que queiras, Tu tens-me perdoado e a minha alma está contente e o meu espírito se regozija.” E então, Cristão, se és salvo e Cristo realmente tomou o teu pecado, enquanto és feliz, sê agradecido e cheio de amor. Aferra-te a essa cruz que limpou o teu pecado; serve a quem te serviu. “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” (Rom 12:1 ACF) “Amo o meu Deus com um zelo tão grande, que poder-Lhe-ia dar tudo” Mas não cantes estas palavras, a menos que as sintas verdadeiramente. Oh, sente-las a sério! Não há nada que faças na tua vida porque pertences a Cristo? Não estás ansioso, alguma vez, por mostrar o teu amor com algumas mostras expressivas? Amas aos irmãos d’Aquele que te amou a ti. Se houver algum Mefiboseth em algum lado que coxeia ou está aleijado, ajuda-o por causa de Jónatas. Se há algum pobre crente aflito, tenta chorar com ele, e leva a sua cruz por causa d’Aquele que chorou por ti e levou os teus pecados.

E ainda mais, Cristão, se for certo que há uma expiação feita pelo pecado, proclama-a, proclama-a, proclama-a; “nem todos podemos pregar,” dirás tu; não, mas proclama-a, proclama-a. “Não poderia preparar um sermão”; proclama-a, conta a história, comenta o mistério e a maravilha do amor de Cristo. “Mas nunca terei uma congregação”; conta-a em tua casa, comenta-a junto à chaminé. “Mas só tenho meninos muito pequenos”; então conta-a a eles e deixa-os conhecer o doce mistério da cruz e a bendita história d’Aquele que viveu e morreu pelos pecadores. Conta-a, porque não sabes em que ouvidos possa cair. Conta-a frequentemente, porque assim terás uma maior esperança de converter os pecadores a Cristo. Se careceres de talento, se não tens os dons da oratória, sê alegre das tuas carências e glorifica-te na tua debilidade para que o poder de Cristo descanse sobre ti, mas de todas as maneiras, conta-a. Às vezes, alguns jovens lançam-se a pregar, mas fariam

melhor controlando as suas línguas, há muitos outros que possuem dons e habilidades que poderiam utilizar para Cristo, mas parece-nos que têm a língua amarrada. Tenho dito frequentemente que se alistas um jovem no exército, ele tem sempre algo que fazer, e ele põe o seu coração nisso; mas se o mesmo jovem se une a uma igreja, então o seu nome fica no livro de registros, e ele foi batizado, e assim sucessivamente, e ele pensa que não tem nada mais que fazer a esse respeito. Irmãos, eu não gosto de ter membros na igreja que sintam que podem descarregar a responsabilidade nuns quantos, enquanto eles mesmos se sentam tranquilos. Essa não é a maneira de ganhar batalhas. Se na batalha do Waterloo, nove de cada dez dos nossos soldados houvessem dito: “Bem, não precisamos de batalhar; deixaremos que lutem uns poucos, ali estão; deixemo-los que vão e façam tudo.” Se eles tivessem dito isto, logo teriam sido feitos em pedaços. Todos têm que assumir o seu turno, a cavalaria e a infantaria e a artilharia; homens com armas ligeiras e toda a classe de homens; devem partir para a refrega; sim, e até os guardas, se são mantidos como reserva até ao fim, ainda podem vir a ser chamados, —“Guardas, preparados e à carga”; e se houver alguns entre vós aqui que sejam como anciãos ou anciãs que pensam que são como os guardas que devem ser dispensados do conflito pesado, ainda assim, preparados e à carga, pois agora o mundo necessita-vos a todos vós, e posto que Cristo vos comprou com o Seu sangue, suplico-vos que não estejais tranquilos até que tenhais brigado por Ele, e tenhais obtido a vitória por meio de Seu nome. Proclamem a expiação; proclamem-na, proclamem-na; com voz de trovão, proclamem-na; sim, com muitas vozes misturadas como o som de águas rugientes; proclamem-na até que os habitantes do mais remoto deserto tenham escutado a sua proclamação. Proclamem-na, até que não haja nunca, nem uma choça na montanha onde não se saiba dela, nem um navio sobre o mar onde a história não tenha sido contada. Proclamem-na, até que não haja nem mais um beco escuro que não tenha sido iluminado pela sua luz, nem uma guarida detestável que não tenha sido limpa pelo seu poder. Proclamem a história de Cristo que morreu pelos ímpios.

Concluirei este sermão com uma palavra de aplicação prática para os incrédulos. Oh incrédulo, se Deus não pode perdoar, e não perdoará os pecados de homens arrependidos, se Cristo não assume o Seu castigo, tem a certeza que Ele te trará a juízo. Se Cristo, o Filho de Deus, foi golpeado por Deus ao imputar-se-Lhe o pecado, como não terá de te golpear a ti, que és Seu inimigo, e tendo os teus próprios pecados sobre a tua cabeça? Deu a impressão que Deus fez um juramento no Calvário —pecador, escuta-o! —, pareceu que Ele fez um juramento dizendo: “Juro pelo sangue de meu Filho que o pecado deve ser castigado”, e se não é castigado em Cristo por conta de vós, será castigado em vós por causa de vós mesmos. Cristo é teu, pecador? Morreu por ti? Puseste a tua confiança n’Ele? Se o tens feito, Ele morreu por ti. Dizes

“não, eu não pus a minha confiança n’Ele”? Então, recorda, que se vives e morres sem fé em Cristo, por cada palavra vã e por cada acto ilícito que tenhas feito, ponto por ponto, e golpe por golpe, a vingança deve castigar-te.

Uma palavra adicional de aplicação prática para vós. Se Deus tem feito a expiação em Cristo e tem aberto um caminho de salvação, qual não será a culpa dos que tratam de abrir outro caminho; dos que dizem “serei bom e virtuoso; assistirei às cerimônias; eu me salvarei a mim mesmo”? Que louco és, tens insultado a Deus no Seu ponto mais delicado, posto que tens insultado o seu Filho. Tens dito “posso resolver isso, sem esse sangue”; de facto, tens pisoteado o sangue de Cristo e tens dito “não o necessito”. Oh, se o pecador que se arrepender não será condenado, com quantos terrores acumulados será condenado o que, além da sua impenitência, empilha afrontas sobre a pessoa de Cristo, ao querer estabelecer a sua própria justiça. Deixa-a; deixa os teus farrapos, nunca poderás fazer um vestido com eles; abandona o teu tesouro aos poucos roubado; é uma falsificação; renuncia a ele. Aconselho-te que compres de Cristo um vestido fino, para que possas estar devidamente vestido, e também ouro fino para que possas ser rico.

E considerem isto, cada um de vocês que me está ouvindo! Se Cristo tem feito expiação pelos ímpios, então permitam que esta pergunta circule, permitam que circule pelos corredores e pela galeria, e que ressoe em cada coração, e que seja repetida por cada lábio: “E por que não para mim também?” “E por que não para mim também?” Tem esperança, pecador, tem esperança; Ele morreu pelos ímpios. Se se dissesse que morreu pelos piedosos, não haveria esperança para ti. Se estivesse escrito que morreu pelos bons, os excelentes e os perfeitos, então não terias nenhuma oportunidade. Mas Ele morreu pelos ímpios, e tu és um deles. Que razão podes argumentar para concluir que Ele não morreu por ti? Escuta-me, homem; isto é o que Cristo te diz: “Crê, e serás salvo”; isto é, confia, e serás salvo. Põe a tua alma nas mãos d’Aquele que levou a tua carga sobre a cruz; confia n’Ele agora. Ele morreu por ti; a tua fé é a melhor evidência para nós, e para ti é a prova de que Cristo te comprou com o Seu sangue. Não te demores; não esperes por chegar a casa para ofereceres uma prece. Confia agora em Cristo com toda a tua alma. Não tens nada mais em que confiar; apoia-te n’le. Vais para baixo; vais para baixo. As ondas estão formando redemoinhos ao teu redor e logo te vão tragar, e ouvirás o seu gorgolejo quando te estejas afundando. Olha, Ele estende-te a Sua mão. “Pecador,” diz-te Ele, “Eu sustentar-te-ei; ainda que as ondas ardentes do inferno colidam contra ti, eu livrar-te-ei delas, confia, só, em mim.” O que dizes a isto, pecador? Confiarás n’Ele? Oh minha alma, recorda o momento em que confiei n’Ele pela primeira vez! Há gozo no céu quando um pecador se arrepende, mas dificilmente creio que seja um gozo maior ao gozo do pecador arrependido quando encontra a Cristo pela primeira vez. Para mim foi tão

simples e tão fácil quando o soube. Só tinha que olhar e viver, só tinha que confiar e ser salvo. Ano após ano tinha estado correndo daqui para lá, tratando de fazer o que já tinha sido feito, para estar preparado para aquilo que não requeria nenhuma preparação. Oh, quão feliz foi o dia em que me aventurei a passar pela porta aberta de Sua misericórdia, sentar-me à mesa preparada de Sua graça, e comer e beber sem perguntar nada! Oh alma, faz o mesmo! Anime-te. Confia em Cristo, e se Ele te rechaça havendo tu confiado nEle—então a minha alma pela tua, quando nos encontrarmos à frente, no tribunal de Deus; eu serei a tua prenda e a tua promessa no último grande dia, se o necessitares; mas Ele não pode rechaçar nem rechaçará a ninguém que venha a Ele por meio da fé. Que Deus nos aceite e nos abençoe a todos, por meio de Jesus Cristo! Amém.



FONTE:

Traduzido de *The Old, Old Story*, de

<http://www.ccel.org/ccel/spurgeon/sermons08.iii.html>

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público

Sermão nº 8 —Volume 57º do Metropolitan Tabernacle Pulpit

Tradução: Carlos António da Rocha

Em S. Miguel do Pinheiro – PORTUGAL



No Caminho de Jesus – o único caminho para salvação. Site editado por Carlos António da Rocha <http://www.nocaminhodejesus.blogspot.com/>

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESSE SERMÃO, NO TODO OU EM PARTE SEM CITAR NA INTREGA ESSA FONTE, BEM COMO A MODIFICAÇÃO DO CONTEÚDO DO MESMO. PROIBIDO USO COMERCIAL. CITAÇÃO NO TWITTER SÓ PERMITIDA COM CRÉDITO A C.H.SPURGEON

APOIO

Projeto Spurgeon | Pregamos a Cristo Crucificado.

<http://www.projetospurgeon.com.br/>